

UM POUCO ALÉM DE UM SINAL: REFLEXÕES SOBRE UMA TRADUÇÃO COMENTADA E A BUSCA PARA ÕESCUTARö O SENTIDO.

Andrey Gonçalves Batista

Universidade federal do ABC

Resumo: Avaliação de duas traduções comentada do mesmo texto de partida e tradutor em dois momentos diferentes. O artigo apresenta o primeiro momento e a utilização do método, bem como suas dificuldades e o segundo momento com o intervalo de 18 meses utilizando o mesmo método (Alves, 2000) e compara as dificuldades superadas no segundo momento discutindo sobre as influências que o texto traduzido produziu na formação do tradutor.

Introdução

Como todos os alunos do Bacharelado em Letras/Libras, produzi uma tradução comentada dos Estudos Surdos como trabalho de conclusão. O presente trabalho é um relato desta experiência que teve um forte impacto na minha formação e me conduziu por muitas leituras até as discussões sobre Tradução e Psicanálise. Sendo apenas um aprendiz de tradução, as muitas incertezas, ansiedades e inexperiências somadas às questões de fidelidade e neutralidade da (ainda imaturas para mim), serviam de algemas na realização desta tradução. Como se locomover no exercício da tradução e ser minimamente ousado para sair da tradução literal? Infelizmente tal catarse não ocorreu a tempo para entregar um trabalho com o nível de discussão proposto, mas foi o início da formação que não vem em aulas e livros, mas da experiência como jornada e do atravessamento pessoal.

Método

Neste trabalho faço uma análise pessoal sobre dois momentos: Momento A, realização da tradução comentada durante a formação como Bacharelado em Tradução Interpretação de Libras pela UFSC (2012) e Momento B, (2014) após 18 meses da primeira tradução e os cursos de extensão sobre as questões de autoria e tradução, psicanálise e educação e minha participação no Núcleo de Pesquisas em Psicanálise e Educação. Para analisar, retomei minhas anotações da graduação e propus uma nova tradução com base na primeira e comparei as dificuldades apresentadas nos dois momentos.

Momento A

Idealizei o projeto de tradução na seguinte forma: (1) Escolha do texto, (2) Análise Geral, (3) Escolha do método, (4) Primeira tradução, (5) Análise das dificuldades da tradução (6) Propostas de solução (7) Nova tradução. Logo de Início tive consciência que os passos 5, 6 e 7 poderiam ser repetidos diversas vezes.

O texto escolhido está no livro organizado pela Doutora Ronice Müller de Quadros e publicado pela Editora Arara Azul em 2008, Estudos Surdos III e dentre os dez capítulos, escolhi o sétimo capítulo intitulado: "Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção", das autoras Mara Lúcia Masutti e Silvana Aguiar dos Santos. Numa análise geral, podemos observar que este capítulo possui 5.156 palavras, incluindo as 6 notas de rodapé e caixas de texto. Ao todo são 33.168 caracteres divididos em 126 parágrafos. Está entre as páginas 148 e 167 perfazendo um total de 19 páginas, onde observamos a primeira página com o título do capítulo e informações das autoras, uma página com uma figura e as últimas páginas contendo 31 referências bibliográficas.

Como aprendiz de tradução, utilizei o modelo de processo tradutório estruturado pelo alemão Frank Königs descrito por ALVES (2000). Tal modelo divide o texto em unidades e as classifica em: (BA) Blocos automáticos, das quais o tradutor já dispõe de equivalências preestabelecidas os (BR) Blocos reflexivos são mais complexos. Segundo ele:

Contudo, esta divisão parece-nos bastante simplista. Ela apresenta limitações didáticas por não fornecer ao tradutor em formação detalhes mais específicos do que realmente acontece em sua mente ao operar no Bloco Reflexivo, [...] nosso modelo

reformula a divisão proposta por Königs para sensibilizar e conscientizar o tradutor em formação e, para fins didáticos, divide o processo tradutório em sete etapas processuais: (1) Automatização, (2) Bloqueio Processual, (3) Apoio Interno, (4) Apoio Externo, (5) Combinação de Apoios Interno e Externo, (6) Priorização e Omissão de Informações e (7) Aperfeiçoamento do Texto de Chegada. (Alves, 116, 2000)

Durante a preparação do texto observei diversos termos indigestos á minha reflexão dos quais posso citar: imaginários, logofonocêntricas, subjetividade, âmago, desconstrutores, estereotipado, tensões, inconscientes, psicanalítica e sujeitos. Na primeira tradução observei que havia lacunas e eu mesmo não conseguia compreender o sentido. As õsubstituiçõesõ que encontrei em Libras pela õfaltaõ de um sinal não passavam de uma explicação rasa e me davam a sensação de algo que estava presente no original e não aparecia na tradução. A dificuldade neste momento era encontrar essa õfaltaõ que eu acreditava que existia, mas que eu não conseguia nem ao menos saber o que era.

Para propor uma nova tradução resolvi investigar melhor as autoras e os termos . Fiz uma busca na Plataforma Lattes mantida pelo CNPq como apoio externo ao texto, e descobri que uma das autoras pesquisava sobre as identidades dos interpretes de Libras e a outra tinha no titulo da sua tese de doutorado as palavras: desconstruções e logofonocêntricas e havia feito cursos na área de psicanalise. Infelizmente consegui observar estas informações, mas não soube bem utiliza-las. Repeti o processo de tradução diversas vezes e busquei mais informações externas e não consegui entregar a tradução que acreditava estar a altura do original. Algumas vezes busquei ser ousado e fugir da tradução literal mas o medo de ser õinfielõ me fizeram varias vezes voltar para as margens do texto e utilizei o recurso de datilologia, mesmo consciente que este recurso não õtraduzirõ.

Momento B

Muito angustiado pelo resultado da tradução entregue como trabalho de conclusão, observei que a dicotomia de fidelidade e tradução não era algo muito bem resolvido. Busquei outras leituras sobre o tema e cursos. Em 2013, o Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) ofereceu os curso: õIntrodução às questões de tradução e autoriaõ e õCurso de Poesia via traduçãoõ e Faculdade de Educação da

Universidade de São Paulo (FEUSP) ofereceu o curso de "Psicanálise e Educação: novos encaminhamentos" dos quais tive a oportunidade de participar. Logo em seguida, comecei a frequentar o Núcleo de Pesquisas em psicanálise e Educação (NUPPE).

Durante os cursos consegui me posicionar melhor enquanto tradutor e interprete a luz da desconstrução e das contribuições da psicanálise para a tradução.

Nesta nova tentativa de tradução, desta vez sem prazos fixos, resolvi retomar minhas anotações e produzir uma nova tradução. Desta vez os termos eram não só compreensíveis, mas o cuidado era para não extrapolar. Cheguei a observar e compreender melhor o modelo como por exemplo, para resolver as questões envolvendo o termo "logocêntrico", não era necessário apoio externo, pois os artigos e dissertações das autoras sobre o tema eram citados na bibliografia do próprio artigo a ser traduzido. As informações estavam lá, mas eu ainda não as tinha escutado!

No Momento A, eu tinha apenas uma leve impressão que os termos, Imaginários, Inconscientes e Sujeito são termos da psicanálise, mas apenas no Momento B compreendi o que eles poderiam significar. Desta vez utilizei o Dicionário de

Psicanálise de Elisabeth Roudinesco para compreender a utilização do termo que define Sujeito:

Em filosofia, desde René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938), o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos[...]como sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência, seja essa consciência empírica, transcendental ou fenomênica.

Em psicanálise, Sigmund Freud empregou o termo, mas somente Jacques Lacan, [...] em 1960, [...] apoiando-se na teoria saussuriana do signo linguístico, enunciou sua concepção da relação do sujeito com o significante: "Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante." Esse sujeito, segundo Lacan, está submetido ao processo freudiano da clivagem* (do eu). (ROUDINESCO, 742, 1998)

Após esta observação compreendi que o termo Sujeito não poderia ser empregado em Libras como "Pessoa" nem "Indivíduo". Notei também que o texto se tratava de uma única obra escrita a duas mãos. Cheguei a tentar separar quais parágrafos poderiam ter sido escritos pela primeira autora, pela segunda e quais elas poderiam ter hibrido ou indiferente à formação. Busquei nos artigos da primeira autora qualquer referencia psicanalítica, ou mesmo lacaniana, visto que para Descartes, Kant, Freud e Lacan o

mesmo termo Sujeito possui variação de definições. Não encontrei nada que me desse este indicio. Portanto busquei uma tradução de algo que fosse imparcial a tais questões, mas que preservasse a ideia freudiana de clivagem.

Para o termo Imaginário o mesmo dicionário define:

Termo derivado do latim imago (imagem) e empregado como substantivo na filosofia e na psicologia para designar aquilo que se relaciona com a imaginação, isto é, com a faculdade de representar coisas em pensamento, independentemente da realidade. Utilizado por Jacques Lacan a partir de 1936, o termo é correlato da expressão estágio do espelho e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. Associado ao real e ao simbólico no âmbito de uma tópica, a partir de 1953, o imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo.). (ROUDINESCO,742, 1998)

Em Libras, se eu apenas traduzisse Imaginário como pensar, ou o simples imaginar, não traria a ideia de ilusão e engodo que o texto original me parece fazer. Então busquei um sinal em que conseguisse abarcar estes conceitos e não encontrei. Resolvi compor com 4 sinais esta ideia.

Discutindo os dois momentos

Com esta autoanálise, observo o quão mais tranquilo é o processo de tradução e o quanto é necessária reflexão e negociação de sentidos que existem em cada língua. Há uma multiplicidade de fatores em jogo e na tradução do qual merece um aprofundamento. Existem métodos e processos, mas desde a primeira tradução, me angustiava a falta de algo que era dito e eu não era capaz de compreender, não conseguia discutir. Refletindo o meu como se deu a mudança de olhar que tive no Momento A e No momento B, lembrei-me de que na segunda aula do curso do Letras Libras na Unicamp onde a Professora Viviane Veraz explicou sobre a tradução mencionando Os lapsos e Chistes segundo Freud. Questiono-me sobre o porquê dentre os dez capítulos do terceiro volume e dentro todos os volumes, este artigo em especial me chamou a atenção.

[...] no ato da tradução, está em ação um saber que o tradutor desconhece, de que nossos lapsos, erros e escolhas são muitas vezes determinados por esse saber inconsciente, [...] Teríamos

dois tipos de tradutores: aquele que é surdo para o discurso do desejo que está em ação em um texto, e o tradutor que tem uma "intuição profundamente psicanalítica". Estando assim atento a esse discurso, o último seria capaz de transferi-lo para o texto de chegada, conseguindo preservar esse desejo, ao contrário do tradutor surdo.[...] Saber como, a partir da singularidade, é possível a construção de um saber sistematizado, é a grande contribuição que a Psicanálise pode nos oferecer. . (Esteves,122, 1996)

As contribuições da psicanálise a tradução parecem nos questionar sobre este saber inconsciente que nos conduz durante a tradução e tem proporções muito maiores. Estar atento e escutar o texto, pois há muito mais que informação. Segundo Esteves (1996), há um desejo do autor e tanto quanto escutá-lo e transferi-lo não parece uma tarefa fácil.

O modelo apresentado por Alves (2000) é bem claro, didático para tradutores iniciantes e auxilia principalmente na organização do trabalho, o tradutor pode isolar as dificuldades e olhar para o texto como um todo. Como um quebra-cabeça, olhar para o todo pode dar-nos a visão do desenho e com ela podemos imaginar como seria o que está faltando e testar possibilidade de peças que preencham estas lacunas. Infelizmente as línguas são quebra-cabeças dinâmicos. Pode ser angustiante não conseguir nem ao menos compreendê-los para dar sequência ao processo de reflexão, mas mesmo alcançando a compreensão, nada nos garante que esta não seja a própria compreensão do tradutor e não a do autor. Há diversos desejos entre o Autor e o Leitor que se ligam e relacionam via texto. O tradutor é um sujeito que atravessa essa relação através e que também tem um desejo. Está também assujeitado a seu inconsciente e sua rede de significados.

Conclusão

Não necessariamente estão faltando termos técnicos na Língua Brasileira de Sinais e as estratégias de empréstimos são uma das saídas, mas há algo mais entre os sinais e a combinação com outros que podem ser suficiente para a transmissão e caso não ocorra, não necessariamente é devido a falta do termo. Cabem-nos mais investigações sobre o desejo do tradutor e as saídas emergenciais que são encontradas na busca por equivalentes e maneiras de administrarem os desvios de sentido produzido pelo novo texto para a criação de do arcabouço tradutório deste profissional.

Referencias Bibliográficas

ALVES, F. Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. In Alves, F., Magalhães, C., Pagano A. Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto. 2000.

MASUTTI, M. L. ; SANTOS, Silvana Aguiar dos . INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS: UMA POLÍTICA EM CONSTRUÇÃO. In: Ronice Muller de Quadros. (Org.). Estudos Surdos III. 1ed.Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, v. 3, p. 148-167.

ESTEVES, L. M. R. . Real e sentido: conseqüências para a teoria da tradução. In: VI Encontro Nacional de Tradutores, 1996, Fortaleza - CE. Anais do VI Encontro Nacional de Tradutores, 1996. p. 121-125.

MASUTTI, M. L. ; SANTOS, Silvana Aguiar dos . INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS: UMA POLÍTICA EM CONSTRUÇÃO. In: Ronice Muller de Quadros. (Org.). Estudos Surdos III. 1ed.Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, v. 3, p. 148-167.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.